

Nobert Elias

Para uma teoria do preconceito

GUIMARÃES, A. S. A. . Preconceito racial: Modos, Temas e Tempos. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012. v. 1. 144p .

Sair do plano individual para atingir o plano coletivo (do grupo).

Entender o fenômeno a partir de uma configuração de poder entre dois grupos (a natureza de sua interdependência).

O núcleo dessa configuração é o equilíbrio desigual de poder e as tensões que lhe são inerentes: “um grupo só pode estigmatizar efetivamente outro quando está bem estabelecido em posições de poder das quais o grupo estigmatizado está excluído” .

- Grupos em situação de *poder* tendem a se crer *melhores* que outros grupos interdependentes. (aristocracia, nobreza).
- Os grupos que reivindicam tal carisma (os estabelecidos) tendem a sancionar o contato social de seus membros com membros de outros grupos (outsiders), através de tabus, etiquetas, e controles sociais como o fuxico de louvor e ou de censura.

- A coesão grupal (o grau de organização interna do grupo, sua identidade coletiva e compartilhamento de normas) é suficiente para criar um diferencial de poder, mesmo na ausência da posse monopólica de objetos não-humanos, tais como armas ou meios de produção.
- Tal coesão pode levar os membros de um grupo a reservar para si todos os postos de poder nas mais diversas instituições sociais (escolas, igrejas, clubes, conselhos, etc.)

- Um grupo estabelecido tende a definir os *outsiders* a partir das características que despreza em si (que estão presentes em sua porção anômica); enquanto se define a partir das características que mais valoriza, presentes na sua elite. Esta definição *pars pro toto* serve de evidência para os outros e para si.
- Quanto maior o desequilíbrio de poder maior a capacidade de estigmatizar os outros, impondo a estes um sentimento de inferioridade, sem contrapartida.

Se os *outsiders* não têm coesão suficiente para reagir é integral a complementariedade entre carisma grupal (dos estabelecidos) e desgraça grupal (dos *outsiders*) e a barreira emocional que impede contatos mais estreitos entre estabelecidos e *outsiders* torna-se um tabu persistente, mesmo com a diminuição do poder social dos estabelecidos.

Para o indivíduo, o sentimento de partilhar o carisma que advém da pertença ao grupo corresponde a uma obediência estrita as normas e obrigações grupais. Membros dos grupos *outsiders* são vistos como desobedientes a essas normas e obrigações. O contato com eles está emocionalmente sancionado pelo “medo da poluição”

A estigmatização dos *outsiders* segue, portanto, a lógica da atribuição de anomia: considerar como defeitos grupais o que é decorrente da situação dos *outsiders*, imposta e reproduzida pelos estabelecidos. A pobreza – baixo padrão de vida – é vista como decorrente de qualidades humanas e não de uma relação de poder.

O primeiro modo de estigmatizar é a pobreza. Para utilizá-la, o grupo dominante precisa monopolizar as melhores posições sociais, em termos de poder, prestígio social e vantagens materiais. Apenas nesta situação, a pobreza pode, então, ser vista como decorrência da inferioridade natural dos excluídos. O segundo modo de estigmatizar é atribuir como características definidoras do outro grupo a anomia (a desorganização social e familiar) e a delinqüência (o não cumprimento das leis). O terceiro é atribuir ao outro grupo hábitos deficientes de limpeza e higiene. O quarto e último é tratar e ver os dominados como animais, quase-animais, ou não inteiramente pertencentes à ordem social.

- A necessidade de uma marca, um estigma, para demarcar os *outsiders*. O caráter fantasioso da marca e sua reificação. As marcas físicas.
- O caráter dinâmico da relação estabelecidos-*outsiders*. A contra-estigmatização.